

METODOLOGIAS ATIVAS E ÁGEIS NA ESCOLA E EM REDES SOCIAIS COMO FORMA DE CONSCIENTIZAÇÃO E PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS

ACTIVE AND AGILE METHODOLOGIES AT SCHOOL AND SOCIAL NETWORKS AS A FORM OF AWARENESS AND PREVENTION OF DRUG USE

METODOLOGÍAS ACTIVAS Y ÁGILES EN LA ESCUELA Y EN LAS REDES SOCIALES COMO FORMA DE CONCIENCIACIÓN Y PREVENCIÓN DEL USO DE DROGAS

Felippie Anthonio Fediuk de Moraes

Mestrando em Educação – UFPR. Licenciado em Educação Física – PUCPR Especializado em Educ. Física Escolar e Atividade Adaptada - Faculdades Bagozzi
E-mail: felippie.morais@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8059-845>

Glauca da Silva Brito

Doutora em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Associado III da Universidade Federal do Paraná. Professora do mestrado e Doutorado em Educação - linha de pesquisa: Cultura, Escola e Ensino.
E-mail: gal.brito@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3874-4323>

Marilene Santana dos Santos Garcia

Pós-doutorado em Tecnologias, Inteligência e design digital - PUC-SP – TIDD. Doutora em Letras –FFLCH - Universidade de São Paulo – USP. Mestrado em Linguística – UNICAMP
E-mail: marilenegarc@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-9397-5346>

RESUMO

Neste artigo, apresentamos um projeto que consiste em promover o protagonismo em estudantes do ensino médio, para que possam assumir a corresponsabilidade na formação de exemplos positivos para os demais alunos da escola. Para tanto, foram incentivados a pesquisar e adotar os conceitos de saúde pública e prevenção ao uso de drogas e, por meio de dinâmicas informativas, disseminar suas experiências e observações entre os alunos mais jovens, permitindo o contraste de ideias e compartilhando informações. Essa dinâmica teve como objetivo desmistificar conceitos e aproximar os alunos de diferentes níveis de ensino, mobilizando-os quanto à prevenção, ao uso e abuso de drogas e criando um movimento de atenção à saúde no ambiente escolar. Assumimos que ser jovem é estar envolvido em experiências, trocas, conflitos, aprendizado e desenvolvimento. Em uma geração hiperconectada que utiliza as redes sociais como meio de comunicação, troca e compartilhamento de informações, buscamos instalar um movimento de prevenção e atenção à saúde escolar dentro de uma metodologia ativa, imersiva e ágil. Ao final do projeto, percebemos que conceitos como sobrecarga de informações, facilidade de acesso e consumo precoce foram confirmados. Essa dinâmica permitiu à comunidade escolar se engajar na busca de alternativas que minimizassem os efeitos. Concluindo, a possibilidade de compartilhar informações e dialogar de maneira saudável criou uma rede social positiva, onde foram revelados casos que demandavam atenção da escola e se monitoraram riscos. Foi criado um movimento no qual o compartilhamento de informações, o cuidado coletivo, a saúde e sua proteção estavam acima dos interesses individuais ou das turmas.

Palavras-chave: Metodologias ativas; Tecnologias de informação e comunicação; Mobilização; Prevenção de drogas na escola.

ABSTRACT

In this article we present a project that consists in promoting the protagonism in high school students, so they can take the co-responsibility in the formation of positive examples for the other students of the school. To this end, they were encouraged to research and adopt the concepts of public health and drug use prevention and, through informative playful games, to disseminate their experiences and observations among younger students, allowing the contrast of ideas and sharing of information. This dynamic aimed to demystify concepts and bring students closer to different levels of education, mobilizing them when preventing drug use and abuse and creating a health care movement within the school environment. We assume that to be young is to be involved in experiences, exchanges, conflicts, learning and development. In a hyperconnected generation that uses social networks as means of communication, information exchange and sharing, we aimed to install a movement of prevention and attention to school health within an active and immersive methodology. We realized at the end of the project that concepts such as information overload, ease of access and early consumption were confirmed. These dynamics allowed the school community to engage in the search for alternatives that minimized the effects. In conclusion, the possibility of sharing information and dialoguing in a healthy way created a positive social network, where cases requiring attention by the school were revealed and risks monitored. A movement was set up in which information sharing, collective care, health and its protection were above individual or class interests.

Keywords: Active methodologies; Information and communication technologies; Mobilization; Drug prevention at school.

RESUMEN

En este artículo, presentamos un proyecto de promoción del protagonismo de estudiantes de secundaria, para que pudiesen asumir la corresponsabilidad en la formación de ejemplos positivos para los demás alumnos de la escuela. Con este fin se les alentó a investigar y adoptar los conceptos de salud pública y prevención del uso de drogas y, a través de dinámicas informativas, difundir sus experiencias y observaciones entre los estudiantes más jóvenes, permitiendo la contraposición de ideas y el intercambio. Esta dinámica tenía como objetivo desmitificar los conceptos y acercar a los estudiantes de diferentes niveles de educación, movilizándolos para prevenir el uso y abuso de drogas, y crear un movimiento de atención a la salud en el entorno escolar. Asumimos que ser joven significa estar involucrado en experiencias, intercambios, conflictos, aprendizaje y desarrollo. En una generación hiperconectada, que utiliza las redes sociales como medio de comunicación e intercambio de información, buscamos instalar un movimiento de prevención y atención a la salud a partir de una metodología activa, inmersiva y ágil. Al final del proyecto, confirmamos conceptos como sobrecarga de información, facilidad de acceso y consumo precoz. Esta dinámica permitió a la comunidad escolar participar en la búsqueda de alternativas que minimizaran los efectos. En conclusión, la posibilidad de compartir información y diálogo de manera saludable creó una red social positiva, en donde se revelaron casos que exigían atención escolar y control de riesgos. Se creó un movimiento en el que el intercambio de información, la atención colectiva, la salud y su protección estaban por encima de los intereses individuales o de grupos.

Palabras-clave: Metodologías activas; Tecnologías de información y comunicación; Movilización; Prevención de drogas en la escuela.

INTRODUÇÃO

Pertencemos a uma época onde o acesso a meios de comunicação e a trocas de informações está cada vez mais rápido, rompendo distâncias e obstáculos. Possibilita-se o encontro de pessoas em qualquer parte do globo, produção de conteúdos e pesquisa dos mais variados temas e assuntos. O fácil e farto acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) promoveram o surgimento de uma geração hiperconectada —

presente em nossas escolas—, capaz de opinar sobre diferentes assuntos, debater vários temas e posicionar-se frente a problemas atuais e de relevância para além de seu grupo social.

Com a disseminação do uso da Internet, as relações sociais passaram a ser mediadas pelas tecnologias digitais de comunicação em níveis nunca alcançados outrora, potencializando a criação de vínculos associativos e comunitários, a socialidade digital (FLACH; DESLANDES, 2019). Crianças e adolescentes que residem, a maior parte do tempo, em um ambiente virtual, encontram dificuldades para relacionar-se, comunicar-se e interagir fora da Internet. Sendo a escola ponto de confluência para estes movimentos da sociedade, percebem-se em seu ambiente os reflexos das relações digitais, o isolamento e a ausência do contato interpessoal, baixo rendimento acadêmico, conflitos e desinteresse na participação do processo educativo.

Experiências e práticas sociais são de extrema relevância para a formação humana e pessoal de crianças e adolescentes. Entretanto há inúmeras situações relatadas em que a busca pela aprovação de seus pares, os expõem a situações de risco, criando lastros com prejuízo à sua saúde em nome de grupos sociais, digitais ou não. Esta carência potencializa-se pela ideologia de um modelo social mais próximo, criando situações para o consumo de álcool e tabaco e com ampla divulgação em redes sociais dos seus feitos e efeitos. O consumo de drogas lícitas e ilícitas é considerado problema de ordem social, não somente em função de sua alta frequência, mas principalmente devido aos prejuízos à saúde, pois afeta pessoas de todas as faixas etárias, com consequências biopsicossociais para a sociedade (ZEITOUNE *et al*, 2012).

Cada vez mais cedo, crianças e adolescentes utilizam-se das redes sociais como meio de promoção e divulgação de seus atos, conquistas e insucessos, expõem-se livremente buscando likes e aceitação de seu público. Esta visibilidade “programada” acelera o ato de passagem para a vida adulta, imputando-lhes responsabilidades e consequências para que possam atender à clientela que consome o conteúdo postado.

Para nós professores, não há como dissociar o fazer pedagógico dos anseios e necessidades sociais que são apresentados — por vezes de modo tão cru —mostrando-nos todas as dificuldades, ansiedades e riscos aos que nossos alunos estão expostos. A escola, imersa neste novo contexto da cibercultura, coloca-se como referência para o contraditório ensino tradicional, e a esperança da vanguarda com o uso das tecnologias

para ampliar o potencial de aprendizagem e de penetração dos temas e problemáticas propostas. Para que pudéssemos alcançar a maior parte dos alunos, possibilitando a participação ativa na construção do conhecimento e sua imersão dentro da problemática proposta, optamos pela utilização da metodologia sala de aula invertida no desenvolvimento do trabalho, pois sabemos que há diferentes possibilidades, caminhos e tempos de aprender (BACICH; MORÁN, 2018).

À medida que aumentam o volume e a diversidade de informações que os aparelhos móveis podem coletar sobre seus usuários, a tecnologia móvel torna-se capaz de melhor individualizar a aprendizagem (MORAIS; BRITO, 2018). A fim de otimizarmos os recursos de que dispúnhamos, foram inseridas as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC's) para dar-nos suporte em três frentes, pesquisa, registro e comunicação. Estas práticas atendiam ao objetivo de instrumentalização dos alunos quanto aos conceitos de prevenção ao uso e abuso de drogas. Possibilitando a pesquisa em tempo hábil, nutrindo a curiosidade e respondendo prontamente aos questionamentos, estimulamos a cooperação para a construção coletiva do tema proposto, bem como a aplicação das atividades lúdicas junto aos demais colegas.

Para darmos início ao projeto, apropriamo-nos dos ideais que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção e construção (FREIRE, 2003). O conhecimento não se produz sozinho na academia, mas também na prática social, política e cultural; nos espaços não só individuais, mas também comunitários, coletivos e até intergeracionais, e para fins que nem sempre apontam para “a ciência”, mas para “as ciências” através da existência e da vida (HALLAIS; BARROS, 2019). De posse destes ideais, estes serviriam como um norte para toda execução, onde o aluno é o principal ator no processo de aprendizagem, não apenas na seleção dos conteúdos a serem abordados, mas também na construção das atividades e intervenção junto aos alunos mais novos.

Tendo em vista a instrumentalização, os alunos do segundo ano do ensino médio iniciaram o processo de pesquisa e apropriação dos conceitos de prevenção e cuidado ao uso e abuso de drogas. A compreensão dos estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, fortalece o potencial da escola

como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa (ME, 2018).

A prevenção ao consumo de drogas lícitas e a sala de aula invertida convergem quanto à necessidade de participação e engajamento de seus atores, respeito à individualidade, construção coletiva, capacidade de questionar e reinventar-se. Promover a troca de informações e de experiências positivas efetiva as práticas de pesquisa e construção dos conceitos abordados em brincadeiras e cria volume através das redes sociais.

Entende-se por redes sociais a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias (BARNES, 1972), ou seja, a capacidade de relacionar-se para além de seus grupos desenvolve um movimento de compartilhamento e acolhimento para além dos laços institucionais habituais, desenvolvendo o contraste de opiniões, aprofundamento dos questionamentos e a formação de novas linhas de pensamento.

Drogas no ambiente escolar: um olhar sobre a prevenção

A escola sofre com o avanço do acesso e consumo de drogas dentro do seu ambiente, que afeta a rotina e a capacidade de estudos dos alunos e o desenvolvimento do trabalho de seus funcionários. Não é incomum cenas de alunos em estado etílico ou com odor de cigarro, tentando consumir ou distribuir no interior dos estabelecimentos educacionais. Também não nos causa mais espantos quando assistimos reportagens que denunciam estas atitudes e suas consequências.

Escolas que têm dificuldades para combater ou estabelecer políticas de prevenção ao consumo, apresentam níveis de violência alarmantes, bem como alta nos índices de evasão escolar e de repetência escolar. A presença da droga e da violência que dela advém, tem trazido sérias consequências para o cotidiano das escolas, pois impõe um clima de insegurança e medo, estabelecendo com isso, a lei do silêncio na comunidade escolar (FONSECA, 2006).

Mesmo diante de todas estas adversidades, a escola é um terreno fértil para ações de combate e prevenção ao uso de drogas, principalmente por seu caráter educativo e de liberdade aos alunos para se expressarem e pontuarem sobre as suas impressões. A escola,

devido à possibilidade de acesso aos jovens e à natureza educacional do seu trabalho, é considerada, em todo mundo, o lócus privilegiado dos programas de prevenção dirigidos aos adolescentes (SOARES; JACOBI, 2000). A esta cabe o papel de promover e associar a educação cognitiva e emocional, incentivar e desenvolver cidadania e responsabilidade social, bem como garantir que as crianças e adolescentes incorporem no seu cotidiano hábitos de vida saudáveis (BRUSAMARELLO *et al*, 2010).

Devido à grande complexidade deste tema, se exige estratégias que envolvam diversos setores da sociedade, como os órgãos públicos e as famílias. Neste espectro a escola e as famílias podem trabalhar na promoção da saúde e prevenção de possíveis danos, através da identificação dos sintomas da dependência e mudanças comportamentais. Para tal entende-se que ambas devem antecipar este processo, com programas de prevenção e, se conseguem abordar os jovens já no início, obtêm maior êxito. Existem duas maneiras para se enfrentar o uso de drogas: o primeiro se refere à proibição ou inibição do uso através do apelo moral e produção de medo; a segunda é através da redução de danos através da educação em saúde, oferecimento de alternativas e melhora nas condições de ensino (MÜLLER; PAUL; SANTOS, 2008).

Trabalhar os temas que estão presentes no cotidiano dos alunos, dando-lhes a opção do contraditório e do questionamento ainda é a melhor maneira de efetivar a prevenção ao uso de drogas. Caminhar por meios que aproximem o ponto de vista dos educandos, lhes trará ferramentas necessárias para espaçarem do contexto da drogadição e suas consequências.

Metodologias ativas: práticas de promoção ao trabalho coletivo e interação social

Quando pensamos em modelos educacionais tradicionais, nos vem à cabeça a imagem de cadeiras enfileiradas, um quadro em frente à sala, giz, livros e cadernos. O professor como detentor do conhecimento e os alunos aceitando passivamente o conteúdo que lhes é apresentado. O problema é a apresentação tradicional do conteúdo, que consiste quase sempre em um monólogo diante de uma plateia passiva (CAMARGO; DAROS, 2018). O pensamento crítico e a possibilidade de construção do conhecimento de modo colaborativo e coletivo são praticamente inexistentes.

Como foco da pedagogia tradicional, temos a figura do professor, que possui a função de transmissão do conhecimento lógico aos alunos de maneira objetiva. Sob esta perspectiva, neste modo de ensino, se propõe transmitir os conhecimentos obtidos pela ciência, portanto, já compendiados, sistematizados e incorporados ao acervo cultural da humanidade (ROSA; SILVA, 2016).

No modelo tradicional a relação de dependência intelectual dos alunos para com o professor torna-os passivos, impossibilitados de fomentar senso crítico e a pesquisa. O ensino acaba ocorrendo de modo repetitivo, isto é, as aulas acabam sendo constituídas por falas do professor e audições dos alunos, normalmente desmotivados. O aprendizado é medido pelo volume de conhecimentos, informações memorizadas e facilmente repetidas em provas nunca refletidas ou analisadas (CAMARGO, DAROS, 2018).

Os métodos tradicionais, que privilegiam a transmissão de informações pelos professores, faziam sentido quando o acesso à informação era difícil (MORÁN, 2015). Nesse contexto, a educação, como as demais organizações, está sendo muito pressionada por mudanças.

Quando se fala em metodologias pedagógicas inovadoras, toca-se no âmbito de oferecer ao fazer pedagógico novas possibilidades, atitudes e tomadas de decisão em sala de aula, considerando que, ao se optar por uma metodologia mais inovadora, estar-se-á, enquanto educador, rompendo com modelos que simplesmente depositam informações e conhecimentos em seus estudantes, isto é, a fuga de uma educação bancária (FOFONKA *et al*, 2018). Neste sentido, o papel do professor deve ser estimular a capacidade de pesquisa dos alunos utilizando-se de uma metodologia que agregue todos os saberes; deve promovê-lo ao papel de gestor do conhecimento, para apropriar-se dos conceitos abordados e ser corresponsável pelo seu processo educacional. É encontrar quais caminhos são mais viáveis, atingem melhor os objetivos e ajudam na mobilização dos estudantes, cada um a seu tempo.

Presentes nesta nova realidade as metodologias ativas, se bem planejadas e implementadas, proporcionam, de acordo com Camargo e Daros (2018):

- a) Desenvolvimento efetivo de competências para a vida profissional e pessoal;
- b) Visão transdisciplinar do conhecimento;
- c) Visão empreendedora;
- d) O protagonismo do aluno, responsável por seu aprendizado;

- e) O desenvolvimento de uma nova postura do professor, atuando como facilitador e/ou mediador;
- f) A geração de ideias, conhecimento e reflexão, opondo-se à ideia de reprodução cíclica do conhecimento.

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se quisermos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que eles se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com o apoio de materiais relevantes. Se quisermos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa (BACICH; MORÁN, 2018). Intenciona-se, com sua aplicação, favorecer a autonomia do estudante, despertar a curiosidade e estimular tomadas de decisões individuais e coletivas, advindas das atividades essenciais da prática social e dos contextos do estudante (FOFONKA *et al*, 2018). Colocam o aluno como protagonista, em atividades com outros alunos, para aprender de modo colaborativo e coletivo.

Portanto a metodologia educacional formal, tradicional, mostra-se inconsistente e ineficiente frente aos novos desafios da educação, com sua didática saturada e seus resultados insatisfatórios. O caminho da transformação das escolas é longo, complicado e desigual, mas através da oferta de oportunidades para todos, os alunos poderão construir uma vida interessante, com propósito e confiantes para enfrentar os imensos desafios que os esperam nos próximos anos neste mundo tão complexo e desafiador (BACICH; MORÁN, 2018). As metodologias ativas de aprendizagem são meios para desenvolver nos alunos o trabalho coletivo, a pluralidade, o contraste de ideias e a capacidade de questionar, preenchendo espaços pouco explorados.

Estruturando a atividade

Para que pudéssemos efetivar os objetivos propostos, dois grupos de alunos foram selecionados para a realização do projeto. O primeiro com faixa etária entre 10 e 13 anos, do sexto e sétimo anos do ensino fundamental II. O segundo grupo com alunos do segundo ano do ensino médio e idade entre 15 e 18 anos de idade.

As atividades foram feitas durante as aulas de Educação Física e com momentos de pesquisa fora do ambiente escolar, em acordo com a metodologia sala de aula invertida. É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para

enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na educação básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural (ME, 2018).

Iniciou-se o projeto abordando o tema central com os alunos do ensino médio. Em uma roda de conversa discutiu-se sobre as substâncias que estavam na moda entre os jovens, seus locais e meios de acesso e sensações proporcionadas pelo seu uso. Nesta etapa, o professor fez o papel de moderador e incentivador da pesquisa como meio de fundamentação teórica das perguntas e respostas. Assim, introduziu-se o conteúdo que nortearia o nosso trabalho, definindo um roteiro de pesquisa para o andamento do projeto.

Como atividade paralela ao roteiro de pesquisa, cada grupo planejou e adequou brincadeiras de acordo com o tema que estava sendo pesquisado. Este processo de criação e pesquisa fora feito para além do horário das aulas, possibilitando que este espaço fosse utilizado para apontamentos, correções e dúvidas advindas da pesquisa e planejamento.

Realizadas em dia acordado com a direção do colégio, utilizou-se o total de três aulas, a primeira para a organização do espaço e das atividades, as duas seguintes para a execução. As atividades deveriam atender a dois critérios básicos, informar sobre os riscos do uso e abuso de drogas de forma lúdica e estar adequadas aos alunos do sexto e sétimo anos do ensino fundamental II. As atividades estavam compostas pela apresentação do tema, explicação e execução, roda de conversa final. Aos alunos do ensino médio, ainda lhes cabia realizar momentos de feedback e avaliação instantânea sobre o desenvolvimento da atividade; esta ação serviu para mediar as ações e monitorar a apreensão do conteúdo trabalhado.

Como método avaliativo deste projeto, realizou-se uma roda de conversa com os alunos do ensino fundamental II onde se discutiram os temas abordados e se a atividade promoveu a reflexão sobre os conceitos de prevenção ao uso de drogas. Estes dados serviram como base para um debate final junto aos alunos do ensino médio, destacando o poder da influência do modelo positivo no processo preventivo.

Ao final deste projeto, a atividade foi postada nas redes sociais do colégio como meio de divulgação e de aferição da aceitação da metodologia e do tema proposto pela comunidade escolar geral. Esta recebeu retornos altamente positivos tanto por famílias, quanto por alunos de outras turmas.

Resultados

Trabalhar os conceitos de saúde, as consequências do uso e abuso de drogas; formar pessoas conscientes e críticas frente aos problemas, capazes de compreender e intervir nas necessidades da comunidade escolar ou de seu convívio, foram os desafios que moveram este projeto. Adotou-se uma concepção de saúde pública como um campo de conhecimento e ação interdisciplinar, que envolve a participação de atores específicos — não apenas os estatais — e integra diversos conhecimentos, propondo um entendimento situado. E, nesse sentido, assumiu-se uma concepção de subjetividade como processo que ocorre em ambientes e sob condições sociais específicas, e de um sujeito que é agente, que cria e recria as condições de sua vida com base nos limites impostos por sua existência material, mas também de acordo com suas necessidades, motivações, desejos e expectativas (JARAMILLO, 2018).

A sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo sobre questões centrais do processo educativo: o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado (ME, 2018). Na experiência realizada, os alunos se engajaram e se mostraram motivados na apropriação dos conceitos teóricos; o seu interesse se evidenciou na proposta apresentada, na sua participação ativa na pesquisa e nas atividades lúdico-informativas, desde o seu planejamento até sua execução junto aos demais grupos; revelou-se também na sua preocupação quanto à formação de exemplos positivos na construção de uma rede de proteção.

O engajamento da equipe diretiva possibilitou a mobilização de diferentes atores do processo educativo, criando entendimento coletivo quanto à necessidade de preservação e colaboração. A cinesia entre a vigilância, troca de experiências e de conhecimentos oportunizou a aquisição e incremento dos acervos pessoais. Esta dinâmica de cooperação, promoveu uma maior atenção entre os alunos, percebida imediatamente após o início das atividades, o que tornou o desenvolvimento do projeto mais fácil e profícuo. O aumento dos saberes que permitem compreender o mundo favorece o desenvolvimento da curiosidade intelectual, estimula o senso crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir (SEF, 1997).

As metodologias ativas proporcionam a geração de ideias, conhecimento e reflexão, opondo-se à ideia de reprodução cíclica do conhecimento (CAMARGO; DAROS, 2018). Expostos aos conceitos abordados, cada participante pôde refletir sobre o seu contexto social e suas práticas de saúde, identificando situações de risco e abusos dentro do seu estilo de vida, o que motivou a tomada de atitudes corretivas.

O desenvolvimento de habilidades e o estímulo ao surgimento de novas aptidões tornam-se processos essenciais, na medida em que criam as condições necessárias para o enfrentamento de novas situações. (SEF, 1997). As metodologias ativas foram utilizadas como meio para deixá-los confortáveis frente à sensibilidade deste tema. Esta dinâmica trouxe, à luz do projeto, possíveis lideranças e alunos com maior vulnerabilidade.

A aquisição dos conceitos teóricos possibilitou a discussão sobre os tipos de drogas presentes em seu contexto social levantando questões como: com quais já tiveram contato? De quais já fizeram uso? Como tiveram acesso? Conheciam as consequências do seu uso e abuso?

Dialogar possibilitou a autoanálise por parte dos alunos, atendendo assim um dos objetivos propostos pela Base Nacional Comum Curricular: conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas (ME, 2018). A educação deve estar comprometida com o desenvolvimento total da pessoa. Aprender a ser supõe a preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, frente às diferentes circunstâncias da vida. Supõe ainda exercitar a liberdade de pensamento, discernimento, sentimento e imaginação, para desenvolver os seus talentos e permanecer, tanto quanto possível, dono do seu próprio destino (SEF, 1997).

Estabelecemos metas para o aperfeiçoamento das relações entre alunos dos diferentes níveis de ensino; e minimizar relações conflituosas potencializaria os efeitos das atividades propostas. Ao debatermos sobre os conceitos, tendo como abordagem pedagógica brincadeiras lúdicas informativas, provou-se que estes pertencem ao senso comum, contudo ainda são negligenciados por jovens e adolescentes. Juntos chegaram à conclusão de que exemplos negativos, acesso facilitado por pares, fiscalização falha e

conivente e vigilância fragilizada por parte dos pais, favorecem a entrada do jovem neste mundo.

Ao nos reunirmos para avaliação final, um pensamento foi comum a todos, havíamos atingido os objetivos. Conclui-se que os jovens e adolescentes detêm conhecimento sobre os riscos do uso e abuso de drogas, contudo, mesmo com fácil acesso a estas informações, ingressam a este mundo como meio de inserção social e aceitação dentro de um grupo específico. Este tema demanda questões de cunho social, evidencia a necessidade de políticas de prevenção e atenção à saúde dos escolares nos mais diferentes meios. Combate, comunicação e acolhimento, possibilitam àqueles que hoje fazem parte deste meio, modificarem o seu futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que ainda há um longo caminho a percorrer, o qual demandará muito esforço de todos aqueles que o desejarem fazer. Ao optarmos pela utilização das metodologias ativas, incumbimos os alunos da corresponsabilidade pela construção de uma rede para a troca de informações e atenção à saúde. A pesquisa dos referenciais teóricos aplicados em atividades lúdicas informativas, potencializou a mobilização dos participantes, tornando esta caminhada mais significativa.

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações (ME, 2018).

Aos alunos, possibilitar a transferência dos conteúdos teóricos para práticas de prevenção ao uso de drogas, ofereceu um novo olhar sobre os meios e modos de atuação. Esta metodologia — de construção de uma rede social — mostrou-se eficiente como meio de intervir dentro de um contexto perturbador, pois não foram poucas as vezes que nos questionávamos sobre as causas e feitos, e suas consequências em um futuro breve.

A Base Nacional Comum Curricular explicita quais as aprendizagens essenciais para cada nível de ensino; destaca que decisões — resultantes de um processo de envolvimento e participação das famílias e da comunidade — referem-se, entre outras ações, a contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com

base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas (ME, 2018).

Todos os alunos tinham algum conhecimento sobre drogas e possíveis efeitos e consequências advindas do uso. Conceitos estes que vinham de campanhas públicas anteriores, conversas com amigos, troca de mensagens e pela curiosidade individual, quase sempre saciada em sites de busca ou por influenciadores digitais. Grande parte destes alunos relatou casos de pessoas próximas que faziam uso.

Mesmo pertencentes a um cenário com farta informação e exemplos, em relação aos alunos do ensino médio, destacou-se a proximidade com o mundo das drogas, seja pelo contato, acesso, uso e relações pessoais com usuários. Fomos constantemente alertados sobre casos os quais eram prontamente encaminhados para os devidos cuidados pela equipe diretiva.

Diante disto os alunos se engajaram na realização do projeto, o qual pode ser estendido às demais turmas do colégio, criando um movimento de atenção à saúde dos escolares. Recebemos retornos altamente positivos da comunidade escolar através das redes sociais, confirmando a ampliação do cuidado e prevenção para além dos muros da escola, através da mobilização de pais, parentes e pessoas do convívio social.

Por fim destaca-se que, através deste trabalho, plantaram-se sementes de preservação, pluralidade, participação coletiva e protagonismo, as quais sendo bem cultivadas trarão frutos em longo prazo, certamente mais significativos, desde que com o reforço necessário e a devida atenção por parte dos envolvidos.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; MORÁN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARNES, J.A. Social networks. In: **An Addison-Wesley Module in Anthropology**. Module 26. Cambridge: Addison-Wesley Publishing Company, 1972. p. 1-29.

BRUSAMARELLO, T.; MAFTUM, M.A.; MAZZA, V.A.; SILVA, A.G.; SILVA, T.A.; OLIVEIRA, V.C. Papel da família e da escola na prevenção do uso de drogas pelo adolescente estudante. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, vol. 9, n. 4, p. 766-773, out./dez. DOI: 10.4025/ciencucuidsaude.v9i4.13828

CAMARGO, F.; DAROS, T. **A sala de aula inovadora**. Estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. 1. ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.

FLACH, R.M.D.; DESLANDES, S.F. Abuso digital ou prova de amor? O uso de aplicativos de controle/monitoramento nos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00060118>

FOFONCA, E.; BRITO, G.S.; ESTEVAM, M.; CAMAS, N.P.V. **Metodologias pedagógicas inovadoras e educação híbrida: contextos da educação básica e da educação superior**. 1. ed. Curitiba: Editora IFPR, 2018. p. 12-24. E-book.

FONSECA, M.S. **Prevenção ao abuso de drogas na prática pedagógica dos professores do ensino fundamental**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas/SP, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HALLAIS, J.A.S.; BARROS, N.F. Interculturalidade, interepistemicidade e decolonialidade: a pesquisa de co-labor. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 9, set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00145519>

JARAMILLO, A.M.N. Território, espaço e saúde: redimensionar o espaço em saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, fev. 2018. ISSN 1678-4464. DOI: 10.1590/0102-311X00075117

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (ME). **Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamental**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 22 jan. 2019.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: Souza, C.A., Morales, O.E.T. **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. v. 2. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. E-book.

MORAIS, F.A.F.; BRITO, G.S. O uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) para o aumento da apropriação dos conteúdos abordados nas aulas de educação física. **Ensino e Tecnologia em Revista**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 202-212, jul./dez. 2018.

MÜLLER, A.C.; PAUL, C.L.; SANTOS, N.I.S. Prevenção às drogas nas escolas: uma experiência pensada a partir dos modelos de atenção à saúde. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 607-616, 2008. ISSN 0103-166X. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400015>.

ROSA, C.P.; SILVA, E.E. **A escola nova e suas influências na educação: breve balanço bibliográfico**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, 2016. Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/TCC-2016/CINTHIA.pdf>.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (SEF). **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1997.

SOARES, C.B.; JACOBI, P.R. Adolescentes, drogas e AIDS: avaliação de um programa de prevenção escolar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 109, p. 213-237, mar. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742000000100010>

ZEITOUNE, R.C.G.; FERREIRA, V.S.; SILVEIRA, H.S.; DOMINGOS, A.M.; MAIA, A.C. O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, mar. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452012000100008>

Recebido em: 24/02/2020

Parecer em: 05/03/2020

Aprovado em: 15/03/2020